

O POVO ESPOZENDENSE

ORGÃO DOS INTERESSES DO CONCELHO

PROP. EDITOR E ADM.—J. DA S. VIEIRA

ESPOZENDE—DOMINGO, 27 DE AGOSTO DE 1893

DIRECTOR LITTERARIO—A. PINHEIRO

ANNO II

Condições d'assignatura:
Anno 1\$200 rs.—Com estamp. 1\$360
Sem. 600 rs.— » » 680
Brazil 2\$500 » — Pagam. adiantado
Num. avulso 40 reis. Com est. 42 1/2

Redacção e Typographia:
RUA DO ARCO OU BECCO DOCE N.º 8

SEMANARIO INDEPENDENTE

Os originaes enviados a esta redacção não se restituem

Annuncios:
Por cada linha 40 rs. Repetição 20 rs.
Comunicados ou reclames 40 rs. a l.
Os assignantes 25.º de desconto. Im-
posto do selo 10 rs.

N.º 58

A brandura dos nossos costumes

Alguns jornaes têm ultimamente censurado a linguagem violenta com que algumas folhas republicanas têm aggreddido as instituições e aquelles que as representam, ou devem fazer respeitar.

Para nós o procedimento das folhas republicanas é o procedimento mais natural e mais logico, o mais correcto que tinham a seguir perante o relaxamento moral que vae apparecendo por todas as camadas sociaes, e perante a condescendencia que poderiamos alcanhar de criminosa da parte de quasi todas as auctoridades.

Fazem-se e publicam-se leis repressivas do abuso da liberdade de imprensa;—os jacobinos gritam contra as providencias que as circumstancias exigiram que se tomassem;—para elles a liberdade deve, no regimen monarchico, corresponder á mais violenta licença, para offenderem impunemente a tudo e a todos, e muitos dos agentes da auctoridade, ou por indolencia propria, ou por magnanima generosidade, ou com receio de desagrado, deixam de promover os processos que as leis au-

torisam para serem castigados os que abusam.

A França republicana, não tolera estes abusos; e tão rigorosa é na defeza das instituições dominantes, que não admite nas repartições officiaes quem não seja affecto á republica.

Entre nós a brandura dos costumes manda que aquelles que deviam fiscalisar o cumprimento dos deveres officiaes dos seus subordinados, ou não os fiscalisam e por isso não sabem como é esse desempenho, ou se os conhecem dão-lhe a sua approvação com o seu silencio. E' possível que a politica não seja muitas vezes alheia a estas condescendencias, que se deixam impunes abusos criminosos, podem produzir um certo numero de votos aos que jogam nos fundos eleitoraes.

Não nos espanta, pois, a posição que tem tomado uma certa imprensa do paiz, e faz ella muito bem se provoca arrogantemente os monarchicos. «A brandura dos nossos costumes» ordena que os aggreddidos soffram em paz as aggressões, e que todos quantos estão empregados em repartições monarchicas e abusam da sua abençoada propagan-

da sejam conservados. Nós votariamos pelas portarias de louvor. Era obra mais completa.

CHRONICA

De semana a semana

(Notas de um triste)

Vi-te hoje na tua janella, tão triste, tão pensativa e triste como a minha tristeza, que dia a dia, me abumbra mais o espirito; e talvez, na tua mente me votasses alguma censura immerecida.

E eu contemplando o teu perfil grego, as tuas formas divinas e airozas, achava que o pallido que se lia no teu rosto te fazia ainda mais bella e seductora!

E se não te animava com um sorriso, é porque na minha alma já não ha vacuo para sorrisos! lá só ha o espiho que lancina, as lagrimas que atrophião, o fel que se espalha!

Como eu te amo! porque as nossas almas identificam-se, os nossos corações choram, e os nossos olhares tristes e magoados entendem-se ás maravilhas.

E tu estavas na tua janella, tão triste, tão pensativa e triste como a minha tristesa...

Como eu te amo assim! ó anjo immaculado dos meus sonhos, ó fada formosa e divinal que possues a varinha magica das minhas mais queridas esperanças...! como eu te amo assim...

Fui um dia ao cemiterio. Como tudo alli é triste e horroroso!

O ciclo dos cyprestes é como o baluciar de milhões de phantasmas, os pios do agoirento mocho assemelham-se-me a outros tantos gritos dos réprobos, ao sentirem as carnes reclinadas no fogo lento do inferno.

Como eu amo o cemiterio! Caminhava triste e pensativo.

Emmudecem as aves no arvoredo quando... E' aiuda cedo...

Vêm de longe sons esfusiantes de gaitas que guiam meu descabellado rocinaute.

Deixo-me levar e elle atravessa, impavido e sereno, no olhar franco boiando-lhe as pupillas leaes, a ponte levadiça d'um vetusto castello da meia-idade...

Pucellas estoiradas de riso olham-me boquiabertas e prostiram-se ante o empenachado cavalleiro que o acaso conduz...

Penso que subi ao firmamento...

As onze mil virgens extasiavam-se ao ver o Poeta embebedado de amor casto por ellas...

Uma aragem fria cortava-me as carnes. Sentei-me n'uma campa. O luar batia em cheio na cruz que me ficava fronteira.

Abre-se uma campa, um espectro sae, chama-me pelo meu nome, abraça-me e diz-me: Sou teu irmão.

Levanto os olhos e lia-se-lhe na fronte, gravado em caracteres iguaes: Eu sou o ANJO DO SOFFRIMENTO.

E na verdade tu és meu irmão, ó pallido anjo do soffrimento; porque, o que é menós do que soffrimento esta tristesa infinda, esta melancolia atroz que me persegue? sem que ao menos possa ser mitigada pelas tuas palavras de consolação, por esses teus olhares promettedores de futuros mais videntes e felizes!

Como é triste o viver assim...! Espozende 21—8—93.

HAMLET.

FILAGRANAS

Cartas do outro mundo

II

Sob a terra gordurenta do cemiterio por entre o ramalhar dos cyprestes, o meu coração ouviu as tuas queixas, meu Hamlet, n'essa melopéa doce que a tua voz molda quando o teu coração soffrê, n'essa soturnidade d'outra ora, ao dizeres-me:—METTE-TE FREIRA...

Hoje que o ramillete côr de linho das nossas esperanças feneceu, hoje que as estrelas dos meus olhos se apagaram no ceu do teu amor, en vivo como as virgens de Ossian nas nuvens feitas de lyrios, en fallo no murmuro das virações ao entristecer do dia, eu sorrio nos labios argenteos da lua; e tu, meu HAMLET, «vendo coar-se o luar por entre os ramos dos cyprestes», sentirás o depôr d'un beijo—feito das recordações do passado—nas tuas faces pallidas como as d'um asceta, pelos labios frios e desbotados da tua Ophelia.

E serás... ó sim, deves ser

Santa Cecilia rege uma furica e divinal orchestra de seraphins executando o BURRO DO SR. ALCAIDE...

Ante o meu corcel
Pára o anjo Gabriel...

Pergunto-lhe:

Eu
Que fazes aqui, anjo desasado, com esse grosso bastão?

O ANJO

O collega São Miguel, injectado de raiva porque o joalheiro celeste lhe não dá conta da sua balança estrellada de pedras preciosas, eucartegou-me de o desancar... Acabo de cumprir o encargo espinhoso...

feliz, porque a tua Ophelia o é também.

Vem pois, quando as almas dos mortos suspiram nos feraes cyprestes, quando as lagrimas das estrellas que os choram, se dependuram das cruzitas que abrigam o cadaver, auscultar a pedra fria do meu tomulo, porque debaixo d'ella ainda pulsa o coração que te falta; debaixo d'ella elle tem chorado o teu olvido, n'um choro sentido como o do bronze santo cortando o silencio da alta noite, porque as gottas de rocio, os osculos da lua—que ao de dentro dos sepulchros são o consolo do cadaver—para mim, representando os risos dos tempos idos, as venturas dos dias felizes, trazem-me dôres, pois vem delidos no amaro da saudade que a tua ausencia me offertou até hoje, que as tuas queixas me despertaram do somno do Esquecimento, para uma realidade feliz. Se houveras vindo mais cedo, não só saberias que o morto sente, mas poderias avaliar qual o seu soffrimento, quando só o olvido o recorda!...

E sentado no meu tomulo, verás como a minha alma é feliz vogando nas nuvens feitas de lyrios, aqui no azul do immenso, onde vivem os sonhos felizes, chiméras lá em baixo na terra—irrealisaveis, tantos devaneios que foram allocinações, sem realidade mesmo na Esperança... e depois descer, descer, essa nuvem alva como foi o seio da tua Ophelia, e ouvirás a sua voz mais melodiosa agora que os anjos lhe cederam seus cantos, trillada pelos seus labios a quem as auroras deram as suas tintas, as estrellas os seus risos; e ella fallar-te-ha da felicidade, e tu d'ella partilharás...

Depois a tua alma virá arrebatada n'essa nuvem feita de lyrios, alvos como foi o seio da tua Ophelia, onde a minha voga, para os ceus do Amor, da Felicidade... enquanto o teu coração fica lá em baixo no campo da morte, auscultando a pedra fria do tomulo, sob

Eu

Mas que fazes, empirica creatura, aureolada de um nimbo tão negro como as trevas da noite, batendo estes assentos de pedra onde descançam os peregrinos que aqui chegam estafados do supplicio da vida?

O ANJO

Sen pateta, eu quebrei a lança no capacete do joalheiro, não bati com ella nos assentos...

Tire-se-me de deante do meu oibar rebeutado pela colera...

Soára na cathedral do Padre Eterno a meia noite. Cantára o gallo e o meu corcel relinchára... O anjo desaparecera... E nunca mais o vi para me vingar...

KIQUINQUI.

FOLHETIM

CACAREJANDO

Á noite quando as estrellas, como candidas açocenas, começam de se rir pelo guarda-sol azul do Padre Eterno e a Lua, desmanchada como uma filha do Harem, ensanguentada como a epiderme d'um queijo flamengo, se rebola no cucuruto do Castello—eu desço a escada de Jacob dos meus pensares, e de olhar rebeutado pelo tedio que me desgasta, procuro o men caronaceo corcel que no estabulo lumina ideias enfeitadas de fenos elorosos e de cheirosos cuentros...

a qual o meu coração ajuda pul-
sa... e ambos serão felizes, pois
as lágrimas do rocío e os osculos
da lua—trazendo então para o
men os balsamos do teu affecto, a
alegria que estua em dois corações
unificados pelo mesmo sentimen-
to, quando a ausencia só não é
olvido pelo recordar das esperan-
ças que durante ella brotaram—
não lhe inculcaram dôres, mas sim
prazeres, devaneios. E a felicidade
que a alma cá em cima experimen-
ta, pulsada pelo coração no tu-
mulo, trará o esquecimento da
vida...

Esposende | 26 | 9 | 93.
UPHELIA.

LITTERATURA

STALACTITES

A principio nem quasi apercebemos
Como a affeição nos invadiu o peito;
Hoje, para encontrar tantos extremos,
A vida é curta, o coração é estreito...

A sympathia, penetrando, filha
Toda a nossa alma d'um divino encanto,
Mudou-se n'esta immensa maravilha
N'esta joia d'amor tres vezes santo.

Assim, nas fendas d'nma gruta informo,
Penetra a chuva e o tempo emfim per-
mitte
Que a humilde gotta d'agua se transfor-

me
Na perola—crystal da stalactite.
QUEIROZ RIBEIRO.

Froides mains,
chaudes amours?

Eu senti-te a mão gelada,
Quando a apertei, ao de leve.
Já uma vez, n'uma estrada
Achei morta sobre a neve
Uma gentil aurosinha,
Que talvez matasse o medo!
Olha, essa ave, pobresinha!
Digo-t'o aqui em segredo,
Pareceu-me 'inda mais quente
Sobre o seu gélido leiteo,
Que a mãosinha transparente
Que descanças sobre o peito!
—Mãos frias, coração quente—
Ha muito tempo se diz!
E conheço muita gente
Que no amor se cre' feliz,
Se ao tocar a mão amada,
Sente uma estranha impressão,
Como aquella que a geala
Deixa, se nos cae na mão.
Dize tu, será verdade
O que tanta gente diz?
Pode haver na extremidade
Gelo e fogo na raiz
D'um coração que se esconda
Sob avalanches de neve?...
Para lá chegar a sonda
Como e o que fazer-se deve?..
AUGUSTO FORTE-GATO.

TRES ANNOS

(ao anniversario d'uma creança)

2-9-93

Se eu possuiria um éstro eloquente
E n'uma lyra houvesse melodia,
P'ra cantar-te um soneto, n'esse dia,
N'esse dia feliz extremamente;

Se minh'alma pudera alegremente
Traduzir com clareza esta alegria
N'uns trechos sonorosos d'harmonia
En'uns éstos d'amor febril, ardente,

Não vinha pressuroso, te saudar,
Quando os tres annos já vaes com-
pletar,
No goso de familiar festança.

Mas carecendo tudo, infelizmente,
Te venho oferecer unicamente
Este soneto meu como lembrança.

A. PINHEIRO.

Canção de Iberico

A CAÇA

(A. C. PRAT).

As aves por liberdade,
Quer esteja claro ou bruma,
Voam como uma só pluma,
A's regiões da immensidade;
Na terra, com humildade,
Os animaes teem guarida.
Por que lei estabelecida,
Teem tão captiva a sorte?
Porque teudo cruel morte,
Diverte ao homem a vida!

C. A. LANDOLT.

A MINHA ROSEIRA

Eu tive uma roseira que só
deu uma rosa branca, branca co-
mo a tua innocencia, ó meu bem
adorado! rajada de uns laivos ver-
melhos como o carmin das tuas
faces, perfumada como o haio da
tua boquita ideal e pequena!

Punha n'ella todos os meus
enijados e affectos; regava-a com
um afan maternal; ella vicejava a
oitos vistos e como que me sor-
ria agradecida.

Eu tinha uma especie de cul-
to por aquella rosa branca, bran-
ca como a tua innocencia ó meu
bem adorado!

Mas um dia essa rosa rajada
de uns laivos vermelhos como o
carmin das tuas faces começou a
emurhecer! e desde então o teu
amor começou a diminuir de cada
vez mais.

Um dia fui encontra-a, a ro-
sa perfumada como haio da tua
boquita ideal e pequena, resequi-
da e morta!

Tambem tu tinhas morrido pa-
ra mim, ó meu bem adorado!
XAVIER VIANNA.

CASOS E COISAS

AO CORRER DA SEMANA

Corriam ha pouco no merca-
do, muito fresquinhas, novinhas
em folha, da primeira agua...
quero dizer da primeira lingua e
de esclarecidos bestuntos—holas
emmaranhadas pelo scepticismo—
estas tetricas novidades:

O' C, não sabes?
—Do que?

—Veio á luz da publicidade
um ROMANCE da actualidade...

—Da actualidade?
—Sim, da actualidade. Um
ROMANCE intitulado Os «brazões de
uma familia»...

—E que tal, está bem escri-
pto?

—Ora, ora, ora... estylo
fino, até dizem ser uma dejecção
de dois cerebros compatíveis e
unicos.

—E o «SEculo» não au-
gmentará a sua extracção com-
prando essa producção litteraria,
para abrihantiar uma das suas
paginas?

—Talvez em o sabendo man-
de immediatamente sustar os ori-
ginaes que tem para d'elle fazer
transcripção... Em o comprando
e com venia dos seus auctores...
zâs! «PRANTA-O» na primeira pa-
gina.

—Mas já algures se disse
conter um pouco de realismo se-
bôso ou coisa que o valha...

—E' então? Imaginas que o
romance realista não tem mais
acceptação?... Não sabes que

Um romance realista
Um libretto de bom tom...
Inda mesmo phantasia
Apanha o cunho de boa?

—Muito me dizes; muito me
dizes, meu P.!...

—E então os seus entrecchos
todos gastronomicos... todos hys-
tericos... todos indelicadezas
(não DESFAZENDO nos auctores, uns
admiraveis pôcos de «civilidade»
e de bestiologia crassa, uoica...
unicas sumidades privilegiadas na
SALOADA bestal e pedantesca...
umas cabeças maravilhosas, com-
modas... para preservativo d'um
alqueire de feijão ou para dois
marcos postaes...)

—Tornas-te severo P.!?
—Qual severo?! Sempre pre-
feri a verdade á lisonja.

—Mas então
Tão boas capacidades
E tão bons originaes
Não serão as sumidades
Tornadas em animaes?

—Ora!... Não!?!...
Couheço proficiencia
N'um e n'outro productor:
Um—bruto por excellencia,
Outro—burro por amor...

Sua está!... sua aquella!...
sua aquell'outra! Pois você justou
o peixe e agora não o quer? Ah
sua desvergonhada! sua coscovi-
theira!

—E você? Quem é você? O-
lhe que a racho com este rébo!
Socco e mais socco entre re-
gateiras: auctoridades... nada;
andam veraneando...

Desde que o bom do romance
P'ra rua sahio, até
Ha pessoa que affiance
Ser a causa do bauzé.

Ih!... Jesus! morreu, matou-
a, esmagou-a, está morta...
chamem o medico; levemol-a para
casa; ai, meu Deus! que maldade
de rapaz; bater assim na irmã!?

—O que seria?—O que não
seria?

—Ora! o que havia de ser?
Albano Pereira que espancou va-
lentemente, em plena Ribeira, sua
irmã Maria Pereira, casada, do
que lhe resultou ter de recolher
á cama bastante molestada.

Causa: por ter levado da casa
da mãe uns talheres.

Venha cá ó sôn Albano,
A sua indole é tão má!..
Foi por causa d'uns talheres
Molestar tanto uma irmã?

Olhe, que isto é repellente,
Muitissimo original;
E' coisa muito indecente...
Mesmo prejudicial.

—Um caso anti-tétrico, ó F.;
um caso que fez admirar muitos
e rir alguns.

—Conta-me d'esse caso, K.
Lino?

—Então não sabes?! Foi uma
piléca do Vendeirinho que ferrou
a uma mulher, T.!?

—Como?

—Andava a ruminar na Jun-
queira e embecillou-se n'umas
redes; gritos d'além gritos d'a-
quém e apparece a dona das re-
des que tentou desprendel-a; mas
o demô da besta não gostou, e zâs!
botou-lhe os dentes a um
peito.

—A um peito?

—Sim, a um dos peitos.

—E matou-a?

—Não.

Olha o diabo da besta
P'ro que lhe havia de dar...
Ir ferrar n'uma mulher
Quando andava a ruminar!

—Então o sr. encarregado da

illuminação publica não nos dei-
xou ás escuras?!...

—Quando?

—Creio que no domingo, 2.^a
ou terça feira... d'esta sema-
na.

—Olha o demô do Valle para o
que lhe havia de dar na «guinea-
ta»!

—!!!
—E as auctoridades não sa-
bem d'isto?

—Ora, se sabem! Mas, como
sabes elle é Valle, a tudo se lhe
vale, já alguém lhe valeu, outros
lhe teem valido e creio que al-
guem lhe está valendo...

—Nada! não creio. O sr. pre-
sidente da camara é um homem
que... antes quebrar que tor-
cer.

—Pois sim, sim; mas...

—Mas quê?

—Quero dizer...
Todos nós vamos ao cabo,
Sendo apenas um por mez,
e ao diabo,

Um favor sempre se fez.

—E nós 'tamos ás escuras
E Zé Povo que se esfole?

Ora... o Zé Manel do Valle
que se amole.

K. LINO.

PERFIS

II

(*) DONA M. L.

Elle tem um atractivo esplendente
—Uma fórma gentil mas natural,
Que prende o peito forte, imparcial,
E o torna seu escravo reverente.

Digo-vos, leitores, sinceramente,
Que deu-lhe a natureza por signal
Um bom coração. D'feito moral,
Não possui. Se a tem physicamente,

Embora. Não ha ninguem sem senão...
Mas teu, como disse, um coração
Amavel, sumamente bom, d'amor.

E comquanto não tenha formosura,
E' uma sympathica creatura
E um anjo gracil, de bom humor...

(*) E' tão grande a affeição que
tributo a esta gentilissima dama e tan-
ta a amizade que nos liga, que me le-
vou a usar de franqueza demasiada.
Perdoas-me, Mariquinhas? Pede-te
de joelhos a tua

Ida.

NOTICIARIO

Para Lisboa

Partiu na 2.^a feira para a ca-
pital, em companhia do beneme-
rito sr. Antonio Veiga e ex.^{ma} fa-
milia, e onde tencionava demorar-se
até novembro, a ex.^{ma} sr.^a D. Ma-
ria J. da Costa Vieira, eximia pro-
fessora régia na visinha freguezia
de Fão.

Teve na 5.^a feira ultima o seu
sucesso com felicissimo exito,
dando á luz uma robusta crean-
ça do sexo femenino, a ex.^{ma} es-
posa do sr. Francisco Rodrigues
Vianna, acreditado commerciante
d'esta villa.

Felicitemos o sr. Vianna e
sua ex.^{ma} esposa, e auguramos á
recomensada um futuro pranbe
de felicidades e venturas.

Carro voltado—fermen-
tos

O carro que conduz ás 3 horas
da madrugada a mala do correio
d'esta villa para Barcellos, voltou-
se no domingo, proximo aquella
villa.

Dos passageiros, apenas ficou
levemente ferida uma pobre mu-

lherzinha.

O cocheiro, um velhote sexa-
genario, quasi cego, e que foi cus-
pido immediatamente da almofada,
feriu-se gravemente, pelo que teve
de recolher ao hospital da Mize-
ricordia de Barcellos.

O culpado d'este desastre foi
o infeliz velhote, pois ia entregua
a uns deliciosos momentos de
Morphieu estouvado, brincalhão
e a uma não menos briucalhôua
piléca do Alexandre.

S. Bartholomeu

Estiveram muito concorridas
de forasteiros durante os dias
21, 22, 23 e 24 as feiras e
romaria de S. Bartholomeu, na
freguezia de Mar, d'este concelho,
e com não menos affluencia de
frangos pretos que osromeiros
offertavam ao santo solicitando um
attinente para o mêdo... do pa-
pão.

Miguel do Nascimento
Lima

Acaba de nos surprehender
a infausta noticia do fallecimento
d'este brioso e distincto official
de marinha mercante, nosso queri-
do conterraneo e solícito corres-
pondente na cidade do Maranhão.

Levado ás longinquas regiões
de Santa Cruz, ha poucos mezes
ainda, levando em sua companhia
um filhinho que estremecia;
Miguel do Nascimento, havia sof-
rido o golpe lancinante de o per-
der em pouco tempo.

Hoje então, oh inexoravel
parca! prantêa-se a perda irrepa-
ravel, sente-se o passamento pre-
maturo d'este honrado homem
que sua esposa idolatrava e seus
filhinhos veneravam, e que elle
d'igual passo estremecia e ama-
va!

Que descance em paz a alma
do nosso desventurado conterraneo
e amigo, e que toda a sua familia
saiba resignar-se com a Supre-
ma vontade. Sentindo profun-
damente o golpe que lacera o
coração de toda a sua familia, en-
viamos-lhe os nossos pesames.

Passa amanhã, 28, o 2.^o anni-
versario do passamento da extre-
mosa esposa do nosso amigo e
distincto tabellião sr. José Antonio
Pereira Vilella.

Tambem falleceu ante-hontem
o sr. Manoel José de Faria, fiel
do cemiterio publico d'esta villa.
Paz á sua alma.

Posto fiscal de 1.^a classe

Os rendimentos arrecadados
n'este posto, de 23 a 26 do cor-
rente, foram de rs. 628818.

Alfredo Vianna

Acha-se entre nós, no seu ele-
gante «chalet» d'Além da Ponte
com sua ex.^{ma} esposa, este nosso
illustrado conterraneo e distincto
quartanista da Escola Medica de
Paris.

Em sua companhia encontram-
se tambem suas ex.^{mas} cunha-las
D. Cecilia e D. Maria de Freitas
Oliveira, seu concunhado o sr.
Antonio Simões e ex.^{ma} esposa e o
sr. Augusto Pereira de Mello, de
Lisbôa.

Esta redacção endereça os
seus cumprimentos aos illustres
hospedes.

Movimento marítimo
De 17 a 26

Entradas:
17—«Flor do Cavado», biato, da Figueira da Foz, pedra de cal.
21—«Correia», idem, idem, idem.
24—«Boa Hora», idem, idem, idem.
25—«D Rosa», chalupa, de Vianna do Castello, lastro.
Sahidas:
Não sahiu embarcação alguma.

RESPIGANDO

—Então você não ficou muito afflicto quando sua mulher fugiu?
—Nem por isso.
—Porque é que perseguiu os fugitivos durante mais de cluco leguas?
—Tive medo que elles se arrependessem e voltassem para traz.
—Com que então, crês na transmigração das almas?
—Creio, sim, a pés juntos; e a prova é que já fui burro.
—Burro, tu? e quando?
—Quando te emprestei aquelles seis mil réis que não tornei mais a vêr.

A THEOURA.

BIBLIOGRAPHIA

OS GATOS.

Estamos de posse do 1.º n.º da 2.ª serie d'esta interessantissima publicação lisbonense, escripta pelo pulso vigoroso de Fialho d'Almeida o mais fino critico portuguez.
Para que se avalie o merecimento d'este 1.º n.º bastará lêr-se o seguinte summario:
Monumento a Silva Porto e opiniões sobre o local onde assentará.—A avenida marginal do Tejo e os navegadores; plano d'uma galeria de heroes ao longo do rio.—Os Contemporaneos e seus monumentos.—Anthero de Quental, Cezario Verde, Camillo, Roza pae e Manuela Rey.—Para que serve um monumento grande.—O «cavalleiro» de Bassini dá em Lisboa lições de musica.—Os seus cartões de visita.—De como o conselho de ministros renhiu para lhe fazer amputar o instrumento.—De Bassini atravez da epistolographia parallella.—Liga dos alferes para pernoitar ou vicissitudes d'um professor de musica carreiro.—Exposição industrial na galeria dos Jeronymos: as escalas industriaes, nullidade da sua influencia na officina.—Dizem-se as cauzas.—Falta d'assiduidade na frequencia escolar; reformas contraproducentes; professorado mau e inspectorias grotescas e incapazes.—Nacionalisação do ensino e missão do inspector das escolas industriaes.—O sr. Luciano Cordeiro, sapateiro critico sem corda.—A exposição das rendeiças de Peniche.—D. Maria Boddallo e sua influencia na moderna renda a bilros.—Conclusão.
Os «Gatos» são agora editados pela acreditada «Livreria Academica» da rua Amêa, n.º 69 e da qual é proprietario o sr. F. Chagas, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.
Ao seu editor agradeceremos reconhecidos a remessa do 1.º n.º.

—A caderneta n.º 27 e 28 do festajado romance de E. Richbourg, «A Viuva Millionaria», publicado pela importante casa editora Belem & C.

da rua do Marechal Saldanha n.º 26, Lisboa. O preço de cada fasciculo de 40 paginas é apenas de 50 réis.
—O n.º 7 do **Zoophilo**, órgão protector dos animaes. Publica-se em Lisboa.
—O n.º 15, 7.º anno, do **Amphion**, quinzenario musical lisbonense.

CORRESPONDENCIAS

Apulla, 19 d'Agosto de 93

Esta praia, sem duvida uma das mais formosissimas d'este bello e sorridente jardim—o Minho, regorgita de jubilo, por h'ja concentrar em si uma sympathica colonia balnear.

Ainda o astro rei não reflecte os seus vivificos raios de luz ao surgir por detraz dos alvéolos dos montes, n'esta bõa estancia, e já péto do oceano procuram a efficaçia do mergulho matutino ou o ar purissimo das manhãs, d'estas manhãs caniculares e amenas d'Agosto, bandos e bandos de timiditas e gentilissimas damas nas suas «toilettes» tão alvas como simples, descrevendo caracteres na jaspea e finissima areia, caracteres, dizimos, que nos mostram as vivissimas saudades d'um coração que abandonaram como avesinhas que levantam vôo para tarde, muito tarde voltarem ás regiões cáidas... e umas recordações d'um D. JUAN em miniatura ou d'um ADONIS casquilho que fazia as delicias dos seus espiritos gentis, de neve.

As noites pertencem aos papás, aos titios, aos manos, etc, etc, que vão dar o seu «salinho» nas aguas furtadas... e beber uma cerveja ou tomar um café na Capazoria... no João Carlos, conservando-se até altas horas em animada e familiar cavaqueira.

A nossa praia pois, está repleta de banhistas mas promette ser mais concorrida ainda do dia 20 per diante e no proximo mez de Setembro.

Entre outras cavalheiros e familias encontram-se actualmemente aqui as seguintes: De Braga: os srs. Visconde do Castello, e familia; dr. Aguiar, Abbade de S. Lazaro e o sr. Serafim.

De Barcellos os srs: dr. Eduardo Salazar, dr. Adelino Ferraz, dr. José J. Duarte Paulino, Antonio Esteyes, administrador d'este concelho; Secundino Esteves, Thomaz José d'Araujo, neg., e familias; João Rodrigues de Faria, escriptão de fazenda; Antonio Guimarães, e Pereira e Lima, opulentos capitalistas.

De Barcelinhos: os srs. Pereira e familia, e Domingos d'Aldeia. Srs. Joaquim Jeronymo Ferreira, e familia, da Lage; dr. João Simões, juiz municipal, d'Espozende; Theotónio Monteiro, e familia, de Arcozello; João Baptista Ferreira Chaves, de Palmeira; Joaquim do Bairro, de Goios; Gaviãira e familia, de S. Verissimo; e Moura, capitalista, de Gemezes.

Hoje, AU CLAIR DE LA LUNE, vamos trabalhar para melhor satisfazermos aos nossos leitores.

Até á semana, pois.

MINUSCULO.

Fão, 25 d'Agosto de 1893

Reatando a nossa conversação de outro dia, sr. Redactor, venho hoje cumprir o que prometti; isto é, apontar as asneiras, contradicções e até inconveniencias do tal Moléque.

Note, sr. Redactor, que não tenho em vista refutar o alamba-

zado escriba, porque uma multidão de asneiras como elle vomitou não merece as honras de uma refutação séria; o meu fim é outro; é mostrar-lhe fraternalmente a tristissima figura que «faz nas columnas d'um jornal, que não é mais nem menos, que a d'um especial chocarreiro e melhor faria se procurasse aperfeiçoar a sua arte... Vamos ao caso.

O antagonista do Moléque disse:—que se confessava penhorado a alguns homens e lhas protestava a sua eterna gratidão como amigos particulares. Para que havia de dar o diabo na cabeça do Moléque?! para refutar este dever de todo o homem e esta verdade irrefutavel? E então principia elle «palavras loucas» (em palavras loucas «sinhò» Moléque é no que mais abunda a sua estiolada cabeça) «que voam ao sopro da briza d'uma manhã de maio». Aprenda sr. Alves Maudes como se refuta bem e de baixo de estylo; mas peço-lhe o especial obsequio de deixar o Maio para o auctor, a v. ex.ª talvez esteja melhor uma manhã de Primavera. Continua o Moléque: «esses homens dispensam o seu agradecimento bem como a sua eterna gratidão». Então o sinhò Moléque confunde agradecimento com penhor?! Eh! eh! eh!...

Ouçã: eu ainda não agradeço a esses surs, porque não tive occasião, mas logo que a tenha, espero fazelo embora elles regeitem as minhas manifestações de penhor e gratidão: lá se o meu amigo de Peniche ignora este dever sagrado, eu não sou o culpado em ser tão... destituido de intelligencia.

Ora veja, sr. Redactor, que refutação esta!!! isto sim, isto é que é!!! Aposto com quem quizer que se esta refutação apparecesse na Universidade de Chicago, o nosso Moléque abelhiava logo, uma formatura em quadrupedologia. Agora, sr. Redactor, dê-me licença para fazer uma observação ao espaventado escriba. Você sinhò Moléque, é um acabado testa de ferro porque disse, que os senhores a que me refiro, dispensam os meus agradecimentos e a minha gratidão; ora v. que o diz é porque elles lh'o disseram e nesse caso é um perfeito testa de ferro sem nada deixar a desejar. Como é pois, que se atreve a chamar testa de ferro aos outros quando advogam os interesses de uma corporação de que fazem parte? «Santas as gentes a quem nas hortas nascem tão poderosos nomes!!! E se esses snrs. nada lhe disseram deixa v. de ser testa de ferro para ser um grande pedante, atrevido, malcreado e indecente, por se arrojar a entrar pelo recinto sagrado das intenções de cada um e manchal-as com a sua bolha.

Aprenda, «sinhò» Moléque, a provar o que se diz e deixe-se de palavras loucas no que é muito fertil a sua correspondencia; aliás obriga-nos a tirar-lhe as calças pela cabeça para lhe vestirmos uma saia immonda, um cazaco esboto-galo, um lenço velho lançado na cabeça e collocamol-o assim sentido em frente a uma gamella de sardinha no meio da Praça a regatear com as companheiras; pois que lhe julgamos ser este lugar o mais proprio.

Sim, as regateiras fallam, fallam e nada refutam e nada provam; aquella que mais falla e insulta é a vencedora.

Vejamos a segunda refutação

do Moléque.

Diz o seu antagonista que não vem fallar á imprensa como amigo particular mas como advogado dos interesses da sua freguezia».

Refuta o Moléque (guarda-te lage que te parto) o seu adversario perguntando-lhe pelos «interesses que por si, ou por outros, a seu pedido, essa freguezia se pode gloriar e tecer-lhe os maiores encomios como signal de gratidão». Sim snrs.! Ora isto é que é refutar com uma só pergunta!!! Pobre homem! todos assim podiamos ser! E que tal anh?! O sarrafaçal borrador de papel não me vae perguntar pelos interesses que hei dispensado á freguezia e da gratidão que ella me deve sem eu fallar em tal?! Ella estará tolo? E então é este basbaque que diz aos outros que está vendo quando elles vão occupar um quarto n'um hospital de alienados!... E' bem certo este rifão: ninguem se conhece.

Este pobre diabo se se lembrasse d'alguns dos seus ascendentes (infelizmente) reservava o que quer para si e não o indicava a ninguem.

Com licença, sr. Redactor: Com que então «sinhò», Moléque, «advogar os interesses d'uma freguezia é o mesmo que dizer que ella já deve interesses ao seu advogado e por consequencia gratidão?! Isto é simplesmente ascoroso. Tal aborto só da sua acoucoeirada intelligencia.

Sr. Conde de Ferreira, mais hospitaes; cá fóra ajuda andam muitos.

Lembro-lhe «sinhò» Moléque que muitas vezes um advogado em vez de conseguir interesses para o seu constituinte, pode até conseguir prejuizos (intende isto?)

Um aparte sr. Redactor, antes que me esqueça. E' de «consolandum vobis» ver o nosso Moléque a mandar jornaes a uns e outros da freguezia para admirarem as suas baboseiras, mas é tão feliz que alguém os rasga mesmo sem os abrir. Mas o mais bonito ainda, não é isto! o melhor de tudo é elle ler o jornal aos ignorantes da sua laia e ao passo que vae lendo as suas... letras, diz elle: «isto é que está bom... qual seria o filho da... que escreveu isto?... não tem nada de tolo... assim é que eu queria escrever...»

Ah, ah, ah! Ah, ah, ah! Não se ria sr. Redactor!... isto é verdade assim como não é menos verdade trazer o Zé ignorante vendido com estas intrujices a ponto de o acclamar o escriba eximio cá da terra. Ah, ah, ah! Ah, ah, ah!... Cale-se para ahí com todos os diabos... Ah, ah, ah! Ah, ah, ah!... Pois sim senhor, então voltemos ao caso. Veja: ahí vão na refutação, que é a maior asneira. Isto que se dá no principio encontra-se no meio e no fim «sicut erat in principio» acompanhado d'umas garotices que hem mostram quem é o seu auctor. (Vide «Correio do Porto» de 14, pag. 2.ª col. 4.ª)

Com licença, sr. Redactor. «Sinhò» Moléque cuida no seu trabalho e deixa-se de divertir o povo com as suas chocarrices. V. não está nos casos de escrever em publico, olhe que só n'um periodo ha virgula de mais e virgula de menos e falta irreparavel d'uma palavra. Eu digo-lhe isto por pena de sua familia, mas em todo o caso não posso deixar de continuar a disfrutal-o por V. vir metter o nariz (mas que nariz) no meio de gente.

Para a semana continuaremos.

S. Bartholomeu do Mar, 18

Fazem-se grandes preparativos para as ruilosas festas que tem de realizar-se nos dias 21, 22, 23 e 24 do corrente n'esta freguezia, em honra e louvor do padroeiro S. Bartholomeu, do santo advogado do medo.

Concorre muito para o brilhantismo d'estas festas o nosso bondoso conterraneo sr. Salleiro, um opulento capitalista que ha mezes chegou aqui de regresso dos E. U. do Brazil, que offereceu um importante donativo.

Estão contratadas duas bandas de musica e umas brilhantes illuminações que por certo agradarão e será queimado um lindo e variado fogo d'artificio fabricado por dois pyrotechnicos.

S. Bartholomeu, 24

Aturde-me os ouvidos o som forte de duas bandas de musica à hora que traço estas linhas, e uma onda, uma massa compacta de povo agglomera-se junto da casa da minha habitação.

Estão terminadas as festas.

Nos dias 21, 22, 23 e 24, houve sempre enorme concorrência de forasteiros d'este concelho, dos de Barcellos, Povoá e Vianna, e de grandes ranchos de creanças que vinham trazer o frango preto e luzidio para que o padroeiro as livre do medo.

Nos dias 21 e 22 realizaram-se as grandes feiras do linho e dos objectos de lavoura e moveis ordinarios, que estiveram muitissimo concorridas, realisando-se muitas transacções.

No dia 23 esteve muito animado o arraial e á noite foram accesas as illuminações ao longo da estrada que segue para Vianna, na extensão approximadamente de um kilometro e que produziram um effeito lindissimo.

O fogo d'artificio queimado n'esta noite tambem deu o resultado que todos esperavam merecendo por isso muitos applausos os dois briosos fogueteiros.

As ofertas feitas ao santo ascendem a uma boa quantia. Não houve desastres, nem roubos. Ainda bem.

Já estão duas familias fazendo uso de banhos do mar n'esta bem situada praia, uma das melhores d'este concelho. Brevemente chegam mais familias para o mesmo fim.

Até breve.

AMADEU.

ANNUNCIOS

CONVITE

O abaixo assignado, pede a comparencia das pessoas de suas relações, á missa que se ha-de celebrar pela alma de sua esposa na Igreja matriz d'esta villa, no dia 28 do corrente, pelas 7 horas da manhã.

Espozende, 21 d'Agosto de 1893.

JOSÉ A. PEREIRA VILELLA.



REMEDIO DE AYER DO DR. AYER

Vigor do cabelo de AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.
Pectoral de cereja de Ayer. O remédio mais seguro

que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remédio de Ayer contra febres—«Febres intermitentes e biliosas».

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

ACID OPHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa adicionando-lhe apenas agua e asucar; é um excellent substituto de limão e baratissimo porque um frasco dura muito tempo.

Tambem é muito util no tractamento da indigestão, Nervoso, dyspepsia e dor de cabeça. Preço por frasco 700 reis e por duzia tem abatimento.—Os representantes James Cassela & C., Rua Monsinho da Silveira, 85, 1.º—Porto, dão as formulas aos sus. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito desinfectante e purificante de JEYES—para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellent para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. PREÇO 210 REIS

PHARMACIA CENTRAL ESPOZENDENSE

DE JOSÉ CANDIDO DA SILVA RAMALHO

RUA DIREITA—ESPOZENDE

Serviço permanente

Esta pharmacia, fornecida convenientemente de todos os preparados chimicos, indispensaveis ao uso da sciencia medica, tem um variado sortimento de medicamentos estrangeiros, cuja barateza e indiscutivel utilidade não desmentem a solida reputação d'oste já muito acreditado estabelecimento. Entre todos esses preparados, que as primeiras summidades medicas empregam com a melhor certeza d'um resultado lisonjeiro, esta pharmacia, devido ao estudo do seu preparatorio, possui preparados tão necessarios como salutarmente garantidos nos seus effeitos. São elles:

Pomada anti-herpética

Cura todas as molestias da pelle. Preço da caixa 120 reis.

Injecção adstringente calmante

Cura todas as leucorrhagias as mais rebeldes. Preço do frasco 300 reis.

Especifico contra callos

Efficaz para a destruição completa dos callos. Preço do frasco 300 reis

Xarope vermífugo

O melhor medicamento conhecido contra as lombrigas

Deposito geral—PHARMACIA CENTRAL—ESPOZENDE

PRIVILEGIO



EXCLUSIVO

CONTRA A TOSSE

DOENÇAS DO PEITO

XAROPE PEITORAL JAMES

Unico approved, legalmente auctorizado pelo conselho de saude publica de Portugal e Inspectoria Geral de Hygiene da Corte do Rio de Janeiro.

A efficacia d'este xarope, evidentemente provada em muitas observações nos hospitaes e na clinica particular dos mais distinctos medicos d'este paiz, levou o Conselho de Saude Publica do Reino a approval-o (distincção que lhe não mereceram outras preparações), e a considerá-lo um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluxo, tosse rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito, escarros de sangue, e contra todas as irritações nervosas.

Cada frasco está acompanhado de um impresso com o parecer que o Conselho de Saude deu ao governo, e com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil.

Na parte collada do envolvero esta minha assignatura com tinta azul.

P. A. Franco

Deposito geral — Pharmacia Franco, Filhos

EM BELEM — LISBOA.

CASA BARATEIRA

Novo estabelecimento de MERCEARIA, FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

Francisco Mendes d'Oliveira

15, Rua do Outeiro, 16

ESPOZENDE

Um variado sortimento de chitas, setinetas, mortios, paus crus, riscados, cotins, merinos, sargelins, casturinas, algodões, lãs e mais miudezas.

Bons generos de mercearia, genibras, vinhos engarrafados, café puro, chás de superior qualidade, louças eia e muitos outros generos que não podemos aqui mencionar.

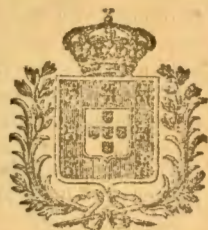
Ao Mendes! Ao Mendes! Divisa da casa: Vender barato, para vender muito

FRANCISCO DA SILVA LOUREIRO

COM LOJA DE FAZENDAS E MERCEARIA

Acaba de receber um completo sortimento de fazendas proprias para verão cujo sortido em gostos variados espera satisfazer qualquer freguez, seja cavalheiro, senhora ou criança. Escusado será fazer menção dos artigos que tem expostos á venda; basta só dizer que n'este estabelecimento acha-se tudo que se deseja por preços commodos.

Tambem se encarrrega de fotos sobre medida com perfeição. ENO PIM DA RUA DO CAES



VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado e auctorizado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica e premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

É o melhor tónico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debéis para combater as digestões tardias e laboriosas, a despesa, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia e inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas asdoenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para crianças ou pessoas muito debéis, uma colher de sopa de cada vez; e para os adultos, duas e tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um hom bife.

Esta dose com quaesquer bolachinhas é um excellent lunchpara as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao toast, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os vultros das garrafas devem conter o retrato do auctor, e o nomeem pequenos circulos amarellos, marca que será depositada em conformidade da lei de 4 de Junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco-Filhos em Belem.

LOJA DO POVO

José da Costa Terra. Proprietario d'este bem conhecido estabelecimento, annuncia aos seus amigos e freguezes que acaba de montar junto á sua casa, numa alfaiateria, sob a direcção do sr. João Rodrigues, conceituado mestre alfaiate dos ATELIERS do Porto, e vindo directamente da casa Amieiro Caramona, da referida cidade.

Aproveito o ensejo para declarar, que na alfaiateria, competentemente montada, se toma conta por preços excessivamente modicos e garantindo-se a perfeição do trabalho, não só de obras para homem como tambem de casacos para senhora, em qualquer feitio. E igualmente se avia qualquer obra, ajuda quando as fazendas não sejam compradas no meo estabelecimento.

Por este meio, annuncio de signal passo que no meu estabelecimento se encontram á venda factos baratos, completos, desde rs. 6\$000 a 8\$000 garantindo-se a sua qualidade das fazendas.

A LOJA DO POVO!

Esposenda 16 de junho de 1893.

JOSÉ DA COSTA TERRA.

DICCIONARIO COBOGRAPHICO DE PORTUGAL

(Parte continental e insular)

Designando a população por districtos, concellos e freguezias; superficie por districtos e concellos; todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes; a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar; as distancias das freguezias ás sedes dos concellos; comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, do serviço postal, telegraphico, telephonico, de emissão de vales do correio, de encomendas postaes, etc. por

F. A. de Mattos

Cada fasciculo de 32 paginas, em 8.º francez, 60 reis, pagos no acto da entrega. Assigna-se na Empreza do Recreto, editora rua Formosa 2—C.

A VIUVA MILIONARIA --- EM PUBLICAÇÃO

A CASA
Guillard, Hillaud e Cia
LISBOA LISBOA
DISTRIBUE REGULARMENTE

LA SAISON
Journal de Modas, formato grande, 12 paginas gravuras, moldes e um figurino colorido.
NUMERO AVULSO (Lisboa (pagos á entrega) de 6 mes) 120 reis.
ASSIGNATURA: 3 mezes, 850 reis; 6 mezes, 1,600 reis; 12 mezes, 3,000 reis.

La NATURE
Journal scientifique (semanal)
NUMERO AVULSO (Lisboa (pagos á entrega) e provincias e ilhas (pagamento adelantado de 5 mes) 100 reis.
ASSIGNATURA: 6 mezes, 2,800 reis; anno, 5,200 reis.

La Médecine moderne
Novo Journal de Medecina sob a direcção do doutor Germain SEE.— Publicação semanal.
NUMERO AVULSO (Lisboa (pagos á entrega) e provincias e ilhas (pagamento adelantado de 10 mes) 50 reis.
ASSIGNATURA: 6 mezes, 2,800 reis; anno, 5,200 reis.

Les Sciences Biologiques en 1899
D^r Charcot, Cornil, Dujardin-Beaumont, etc.
Fascicules de 32 paginas in-8º grande, com gravuras.
NUMERO AVULSO: Lisboa (pagos á entrega) 200 reis.
Provincia e ilhas (1) 120 reis.
(2) Pagamento adiantado de 5 fac.
Esta obra comprehende de 25 a 30 fasciculos.

Remettem-se gratuitamente numeros d'estas publicações por amostra.